
PLURALIDADE METODOLÓGICA COMO ESTRATÉGIA: A CARTOGRAFIA DE UM CAMINHO COMPLEXO¹

PLURALIDAD METODOLÓGICA COMO ESTRATEGIA: LA CARTOGRAFÍA DE UN CAMINO COMPLEJO

METHODOLOGICAL PLURALITY AS A STRATEGY: THE CARTOGRAPHY OF A COMPLEX WAY

Márcio Estrela de Amorim²

<http://lattes.cnpq.br/7018909552342973>

<https://orcid.org/0000-0001-5435-6879>

Recebido em: 30/05/2021

Aceito em: 31/12/2021

RESUMO: O presente artigo consiste na reflexão sobre a pluralidade metodológica como estratégia para pesquisas que tratem de processos dinâmicos, multidimensionais e imprevisíveis. Para tanto, compartilhamos os caminhos metodológicos percorridos na tese doutoral intitulada “Cooperação na fronteira entre Brasil e Uruguai: o caso dos cursos técnicos binacionais” – a qual impôs uma diversidade de obstáculos e de imprevistos durante a fase de campo. Amparados pelo arcabouço teórico de diferentes áreas das Ciências Sociais, promovemos a articulação de variadas técnicas (grupo focal, entrevistas semiestruturadas e questionários) e metodologias (qualitativa e quantitativa). A partir da vivência, da observação empírica, do cruzamento entre o referencial teórico e os dados produzidos e do registro atento e minucioso de todas as escolhas e procedimentos operados, trilhamos um percurso investigativo marcado pela pluralidade metodológica – que detalhamos de forma fundamentada neste artigo. Como resultado, firmamos que a pluralidade metodológica não é uma transgressão ao rigor que todo método científico requer, mas sim um caminho possível e eficiente.

Palavras-chave: Metodologia – Pluralidade metodológica – Métodos de pesquisa – Estratégias de pesquisa.

RESUMEN: Este artículo consiste en la reflexión sobre la pluralidad metodológica como estrategia de investigación que traten de procesos dinámicos, multidimensionales e impredecibles. Para ese propósito, compartimos los caminos metodológicos tomados en la tesis doctoral titulada “*Cooperação na fronteira entre Brasil e Uruguai: o caso dos cursos técnicos binacionais*” (Cooperación en la frontera entre Brasil y Uruguay: el caso de los cursos técnicos binacionales) – la cual impuso una variedad de obstáculos y circunstancias imprevistas durante la fase de campo. Apoyados en el marco teórico de diferentes áreas de las Ciencias Sociales, promovemos la articulación de diversas

¹ Os dados e as informações apresentados neste trabalho compõem o percurso investigativo da tese doutoral intitulada “Cooperação na fronteira entre Brasil e Uruguai: o caso dos cursos técnicos binacionais” aprovada, junto ao Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal de Santa Maria (PPG GEO/UFSM), na data de 31 de março de 2021.

² Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Mestre e Licenciado em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Docente no Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSul). Contato: marcioamorim@ifsul.edu.br.

técnicas (grupo focal, entrevistas semiestructuradas y cuestionarios) y metodologías (cualitativas y cuantitativas). A partir de la experiencia, de la observación empírica, del cruce entre el marco teórico y los datos producidos y del registro atento y minucioso de todas las opciones y procedimientos operados, seguimos un camino investigativo marcado por la pluralidad metodológica – que detallamos de manera fundamentada en este artículo. Como resultado, firmamos que la pluralidad metodológica no es una transgresión al rigor que todo método científico requiere, sino un camino posible y eficiente.

Palabras clave: Metodología - Pluralidad metodológica - Métodos de investigación - Estrategias de investigación.

ABSTRACT: This article consists in a reflection on methodological plurality as a strategy for research that deals with dynamic, multidimensional and unpredictable processes. To this end, we share the methodological paths taken in the doctoral thesis entitled “*Cooperação na fronteira entre Brasil e Uruguai: o caso dos cursos técnicos binacionais*” (Cooperation on the Border between Brazil and Uruguay: The Case of Binational Technical Courses)– which imposed a variety of obstacles and unforeseen circumstances during the field phase. Supported by the theoretical framework of different areas of Social Sciences, we have promoted the articulation of various techniques (focus group, semi-structured interviews and questionnaires) and methodologies (qualitative and quantitative). From the experience, the empirical observation, the crossing between the theoretical framework and the data produced and the attentive and meticulous record of all the choices and procedures operated, we have followed an investigative path marked by methodological plurality – which we detail in depth in this article. As a result, we affirm that methodological plurality is not a transgression to the rigor that every scientific method requires, but a possible and efficient way.

Key words: Methodology - Methodological plurality - Research methods - Research strategies.

INTRODUÇÃO

Iniciamos este artigo apresentando sumariamente o lugar enquanto pesquisador e a condição que propiciou a identificação do problema de pesquisa que nos mobilizou – visto serem imprescindíveis para a compreensão do conhecimento que nos propomos a compartilhar.

No ano 2014, tomei posse no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul) – *campus* Santana do Livramento, onde tive a oportunidade de atuar como docente na disciplina de Geografia, nos cursos técnicos ofertados sob a inovadora proposta de cooperação binacional, na área da educação profissional, firmada entre o IFSul e o *Consejo de Educación Técnico Profesional (CETP) – Universidad del Trabajo del Uruguay* (UTU).³

A partir do contato empírico com a realidade vivida na fronteira, entre Santana do Livramento (Brasil) e Rivera (Uruguai), assim como, e em especial, da interação cotidiana

³ No ano de 2011, as instituições parceiras iniciaram a oferta dos primeiros cursos técnicos binacionais disponibilizando, desde então, 50% das vagas para estudantes de cada nacionalidade.

com alunos de ambas as nacionalidades, floresceu o interesse por investigar os meandros dessa pioneira experiência supranacional.⁴

Albuquerque (2012), ao reconhecer a pluralidade de esferas sociais que compõem os estudos sobre fronteiras, propõe pensarmos o caráter heterogêneo de diversas realidades fronteiriças, a partir da discussão da multiplicidade de abordagens situacionais, dos paradoxos e das ambivalências que se apresentam em seus variados contextos.

Para o autor,

as fronteiras podem ser ainda zonas privilegiadas de misturas culturais, de identificações sociais múltiplas, de identificações e alteridades situacionais [...] elas podem ser imaginadas como o lugar da utopia, um horizonte de possibilidades e de construção de projetos, experiências e novos significados sociais. São espaços abertos para o novo, o inusitado, desconhecido, o mistério e a criatividade das invenções (ALBUQUERQUE, 2012, p. 72).

Para darmos conta dos objetivos da referida pesquisa, surgiu a necessidade de acessarmos fenômenos e representações que se relacionam ao modo particular de compreender e de comunicar dos atores tomados como interlocutores deste estudo e que expressam, portanto, a natureza específica do lócus ao qual pertencem e da realidade social da qual resultam.

Destarte promovemos a articulação de diferentes instrumentos, técnicas e metodologias para acessarmos a pluralidade de dimensões envolvidas na condição fronteiriça. Para a produção dos dados, operamos: i) pesquisa exploratória (com uso da técnica do grupo focal) junto aos alunos de uma das escolas, ii) entrevistas semiestruturadas junto aos diretores das escolas e iii) aplicação de questionário junto aos alunos concluintes dos cursos binacionais das três escolas pesquisadas.

Quanto ao método, percebemo-lo como um caminho guiado sob a luz do Pensamento Complexo, no qual operamos uma análise eminentemente qualitativa, focalizada por meio de um estudo de caso, cujas ferramentas foram a Teoria das Representações Sociais (TRS) e a Análise Textual Discursiva (ATD).

A partir da vivência, da observação empírica, do cruzamento entre o referencial teórico e os dados produzidos e do registro atento e minucioso de todas as escolhas e procedimentos operados, trilhamos um percurso investigativo marcado pela pluralidade metodológica. Nosso objetivo ao compartilhar o percurso investigativo de forma detalhada e fundamentada neste artigo é contribuir com aqueles que direcionam seus olhares a processos dinâmicos, multidimensionais e imprevisíveis.

O presente artigo está dividido em cinco partes, das quais esta introdução é a primeira. Na segunda (Lógica investigativa), apresentamos o Pensamento Complexo como lógica de investigação e a Teoria das Representações Sociais (TRS) como componente estruturante. Na terceira (Desenho metodológico), firmamos nossa abordagem sobre o método

⁴ O Campus Santana do Livramento é o único a oferecer cursos binacionais com dupla diplomação no Brasil e, portanto, enquadrado como Campus Binacional. Conforme Amaral, “Não há outras experiências de cursos binacionais nas universidades presentes na fronteira, desenvolvidos a partir de parcerias interinstitucionais e com diplomas binacionais. Em geral, as universidades possuem poucas parcerias estruturadas com outras IES [Instituições de Ensino Superior] nos países vizinhos”. (AMARAL, 2016, p. 33). Os apontamentos realizados por Joana de Barros Amaral fazem parte das observações feitas durante o desenvolvimento do estudo “Panorama da Educação na Fronteira”, entre 2014 e 2015, pela Assessoria Internacional do Ministério da Educação.

compreendido como caminho a ser trilhado e cartografado durante o percurso investigativo, assim como o apresentamos de forma esquematizada. Na quarta parte (Instrumentos e técnicas), detalhamos o planejamento, a execução e a metodologia de análise utilizada em cada um dos instrumentos e técnicas operados na produção dos dados e das informações. Por fim, na quinta (Conclusão), trazemos nossas considerações finais, destacando a pluralidade metodológica como um caminho de pesquisa possível e enriquecedor.

LÓGICA INVESTIGATIVA

A lógica de investigação assumida pautou-se no Pensamento Complexo, uma vez que reconhecemos a complexidade como princípio epistemológico condutor.

Os fenômenos os quais buscamos compreender são compostos por um emaranhado de informações, e tal fator não comporta análise a partir de um pensamento simples, segmentado e direto, tampouco a tentativa de se apropriar da realidade. O Pensamento Complexo, que é profundo e interligado, desafia o pesquisador a estabelecer a articulação entre as diferentes lógicas de pesquisa, mantendo a mente aberta para acessar um conhecimento mais profundo e menos previsível (MORIN, 2007).

O grande desafio para o Pensamento Complexo, ao reconhecer e questionar a existência de variadas complexidades, é estabelecer articulação entre as diferentes lógicas de pesquisa e discutir a possibilidade de um pensar capaz de responder a essa demanda.

Para Morin (2007, p.76), a complexidade é um desafio, e não uma resposta, portanto o Pensamento Complexo é essencialmente o pensamento que incorpora a incerteza e é capaz de conceber uma organização, em que “ele é capaz de contextualizar e globalizar, mas pode, ao mesmo tempo, reconhecer o que é singular e concreto [...]”.

Reconhecemos que a complexidade faz parte da ciência e da vida cotidiana, assim como é no cotidiano que o sujeito⁵ exerce diferentes papéis sociais, tornando a realidade vivida um exemplo de intensa complexidade.

Nesse sentido, Moraes e La Torre afirmam que:

Em sua dimensão ontológica, a complexidade nos ensina que a realidade não é previsível, linear, ordenada e determinada, mas resulta de situações caóticas, desordenadas. A realidade caracteriza-se como sendo difusa, indeterminada, imprevisível, produto da dialética ordem-desordem que caracteriza os sistemas complexos (MORAES; LA TORRE, 2006, p. 148).

Ao posicionarmos o Pensamento Complexo no primeiro plano para a condução do estudo, reconhecemos que nossa pesquisa lida com algo que só tem sentido se percebido de forma continuada, dinâmica e, por vezes, imprevisível. Tentar fixar em dado momento uma realidade que é essencialmente fluida e dinâmica poderia nos conduzir a reconhecer como real apenas uma pequena porção dela mesma, caindo em uma visão limitada e reducionista dos fenômenos estudados – perspectiva que rechaçamos por reconhecermos o dinamismo inerente a eles.

⁵ Com esse termo acolhemos a denominação apresentada por Dubar (2008), para expressar nosso ponto de vista sobre o indivíduo e o social. Assim, a denominação ‘sujeito’ considera a subjetividade do indivíduo singular, ou seja, um indivíduo reflexivo.

É honesto reconhecermos que nosso estudo se deu a partir de um caso que é vivenciado em determinado momento de um processo cuja essência é fluida e dinâmica, entretanto buscamos as representações de atores⁶ posicionados histórica e socialmente de maneira relevante. Assim, embora seja reconhecida a limitação, procuramos não ignorar a dinâmica processual envolvida.

O conhecimento que buscamos não pode ser atingido pela simples descrição ou cópia do “estado de coisas” – ao contrário – entendemos que esse conhecimento é produzido por meio da interação e da comunicação, cuja expressão traduz interesses nele imbricados, portanto emerge das interações cotidianas, dos conflitos, das necessidades, dos desejos e das intenções que aproximam ou afastam os atores envolvidos nas circunstâncias específicas (no nosso caso, o território fronteiriço) que mobilizam esse pensamento e, conseqüentemente, suas representações sobre ele.

Nesse sentido, entendemos que a Teoria das Representações Sociais (TRS) desenvolvida por Serge Moscovici⁷ apresentou-se como um componente estruturante que se agregou ao referencial teórico e metodológico da pesquisa, contribuindo na busca por reconhecer o modo como os fronteiriços constroem e interpretam a realidade que os cerca.

Segundo Moscovici, as representações sociais

são impostas sobre nós, transmitidas e são o produto de uma sequência completa de elaborações e mudanças que ocorrem no decurso do tempo e são o resultado de sucessivas gerações. Todos os sistemas de classificação, todas as imagens e todas as descrições que circulam dentro de uma sociedade, mesmo as descrições científicas, implicam um elo de prévios sistemas e imagens, uma estratificação na memória coletiva e uma reprodução na linguagem que, invariavelmente, reflete um conhecimento anterior e que quebra as amarras da informação presente (MOSCOVICI, 2007 p. 37)

A representação resulta do conjunto de explicações que se originam por meio das interações e da comunicação cotidiana, estruturando-se a partir de um movimento mental de múltiplas associações, que geram a formação de uma imagem do que se quer representar. É o movimento mental de aproximação e de concretização daquilo que não está consolidado como conceito.

Para Moscovici (2007), as representações sociais devem ser percebidas como um fenômeno, e não como um conceito, uma vez que elas correspondem a uma maneira específica de compreender e de comunicar o que se sabe, cuja finalidade é tornar familiar e concreto algo não familiar. Para o autor, a forma de percebermos o mundo resulta dos mecanismos mentais mobilizados na construção de uma imagem (significação, interpretação, classificação), ou seja, na materialização de uma abstração – envolta de símbolos, linguagem e cultura compartilhados pelo grupo ao qual pertencemos (MOSCOVICI, 2007).

Moscovici propõe que esse processo funcione por meio de dois mecanismos: a ancoragem

⁶ A denominação de *ator* (no sentido estratégico) corresponde a um indivíduo autônomo, capaz de aproveitar oportunidades e desenvolver estratégias em função das circunstâncias e dos movimentos dos seus parceiros num contexto organizacional redefinido como sistema de ações concretas e resultante das relações de poder entre os atores participantes desse coletivo. O ator é componente ativo e sua subjetividade é mobilizada por suas estratégias de poder, mas subordinada a ação coletiva (DUBAR, 2008).

⁷ Moscovici cunhou o termo “Representação Social” em seu doutoramento (1961) e seguiu por décadas dedicando-se a sua definição.

e a objetivação. O primeiro tenta ancorar ideias estranhas e colocá-las em um contexto familiar, o segundo busca transformar algo abstrato em concreto.

Ancoragem e objetivação são, pois, maneiras de lidar com a memória. A primeira mantém a memória em movimento e a memória é dirigida para dentro, está sempre colocando e tirando objetos, pessoas e acontecimentos, que ela classifica de acordo com um tipo e os rotula com um nome. A segunda, sendo mais ou menos direcionada para fora (para outros), tira daí conceitos e imagens para juntá-los e reproduzi-los no mundo exterior, para fazer as coisas conhecidas a partir do que já é conhecido (MOSCOVICI, 2007, p. 78).

A TRS apresenta-se de forma dinâmica e explicativa da realidade social ao agregar diferentes aspectos culturais, cognitivos e valorativos, tornando-se, assim, um saber relacional e, por isso mesmo, social. Ao operacionalizar o pensamento social, em sua dinâmica e diversidade, a TRS converge com o princípio epistemológico condutor desta pesquisa e torna-se um elemento enriquecedor, na medida em que proporciona integração ao estudo sob diferentes perspectivas: cognitivas, afetivas e demandas concretas derivadas de ações do cotidiano.

Destacamos que, nas atividades de campo e de produção de dados, procuramos a interrogação direta dos atores cujo comportamento e cuja percepção buscávamos conhecer. Dessa forma, a modalidade de pesquisa de estudo de caso mostrou-se a mais apropriada para os fins das interrogantes levantadas.

Conforme Godoy “o estudo de caso se caracteriza como um tipo de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente. Visa ao exame detalhado de um ambiente, de um simples sujeito ou de uma situação em particular” (GODOY, 1995, p. 25).

Como recorte, elegemos os cursos técnicos binacionais das três escolas fronteiriças. Para a produção dos dados, articulamos diferentes técnicas de obtenção: i) pesquisa exploratória (com uso da técnica do grupo focal) junto aos alunos de uma das escolas, ii) entrevistas semiestruturadas junto aos diretores das escolas e iii) aplicação de questionário junto aos alunos concluintes dos cursos binacionais das três escolas.

Ao definirmos alunos e diretores como autores⁸ de fala, buscou-se o enfoque dialógico, por reconhecermos que a criação dos significados resulta de atores que participam de um mesmo processo sob diferentes perspectivas. Assim, almejou-se como resultado um saber relacional e contextual, gerado a partir das interações que ocorrem entre ambos e entre eles e a realidade que os cerca.

Com a identificação dessa dimensão dialógica entre os interlocutores da pesquisa, estabelecemos, também, um diálogo entre os métodos qualitativos e quantitativos quando necessário. Embora nossa ênfase, *a priori*, seja qualitativa, a possibilidade de integração dos métodos oportunizou superar obstáculos e operar dados de difícil alcance sem aplicação multimetodológica e integradora.

Ao assumir o princípio da complexidade na pesquisa, a articulação de diferentes métodos sobre um mesmo problema contribui para a compreensão de uma realidade que não está contida em apenas uma explicação, mas sim na relação entre seus elementos. Assim, reconhecemos que o Pensamento Complexo envolve a necessidade de superar a dicotomia

⁸ Segundo Dubar (2008), a denominação “autor” considera o indivíduo como produtor e enunciador do seu discurso, permitindo articulação entre determinações sociais e construção pessoal – socialização e estratégia.

quantitativa/qualitativa e que a complexidade, em sua dimensão ontológica, permite realizar uma leitura a partir de diferentes enfoques em uma dinâmica relacional.

A variedade de procedimentos na produção dos dados está pautada no reconhecimento de que os diferentes autores de fala apresentam formas próprias e peculiares de relação com o tema, no amadurecimento teórico do pesquisador ao longo do percurso investigativo e, principalmente, na busca por viabilizar o acesso às representações elaboradas por cada um deles.

Por meio do Pensamento Complexo, foi proposto um processo de construção maleável aos diferentes momentos, de maneira dinâmica, aberto e em espiral, sujeito a mudanças frente ao imprevisto e ao inesperado, adequando as estratégias e a pluralidade de instrumentos para melhor compreensão dos resultados, em consonância com os objetivos de pesquisa, os quais são, inclusive, revistos e adaptados durante o caminho.

O intervalo anual entre a aplicação de cada uma das diferentes técnicas utilizadas na produção dos dados⁹ proporcionou a retomada da estrutura metodológica esboçada previamente, posicionando-a como ponto de partida para aquela que foi construída ao longo do percurso investigativo. As descobertas, as inquietações e as dificuldades surgidas ao longo do caminho não podem ser ignoradas sob o argumento de não estarem contidas no problema inicial, ao contrário, elas compõem a pesquisa e são legitimadas pela retomada em espiral e pela cartografia das rotas adotadas.

Disso resulta a apresentação do método como um caminho a ser cartografado, trilhado a partir de uma atividade pensante do pesquisador, que é capaz de aprender e de criar durante o percurso investigativo, mas sempre atento ao rigor e à validade científica, que se concretizaram pelo caráter ético dos procedimentos e sua minuciosa descrição e registro.

Trata-se de cartografar um caminho, na medida em que ele vai sendo descoberto e, até mesmo, criado – uma verdadeira cartografia do novo e da descoberta. Nossa pretensão é que esse registro, além de expressar o compromisso com o rigor e a com validade, possa servir de mapa para a compreensão totalizante e profunda deste estudo, assim como possibilitar a leitura aberta a críticas e sugestões; além disso, almejamos que seja inspiração para outros estudos. É esse registro atento, minucioso e, acima de tudo, pessoal, que chamamos de cartografia de um caminho complexo.

DESENHO METODOLÓGICO

Compreendemos a metodologia como um conjunto de procedimentos que permite confrontar os referenciais conceituais apresentados no marco teórico com os dados empíricos obtidos por meio de diferentes técnicas aplicadas junto aos interlocutores deste estudo.

Conforme Gil (2008),

O delineamento refere-se ao planejamento da pesquisa em sua dimensão mais ampla, envolvendo tanto a sua diagramação quanto a previsão de análise e interpretação dos dados. Entre outros aspectos, o delineamento considera o ambiente em que são coletados os dados, bem como as formas de controle das variáveis envolvidas. Como delineamento da pesquisa, as

⁹ A pesquisa exploratória, com uso da técnica do grupo focal, ocorreu no mês de novembro de 2017; as entrevistas foram realizadas no mês de novembro de 2018; e os questionários aplicados no mês de outubro de 2019.

preocupações essencialmente lógicas e teóricas da fase anterior cedem lugar aos problemas mais práticos de verificação. O delineamento ocupa-se precisamente do contraste entre a teoria e os fatos e sua forma é a de uma estratégia ou plano geral que determine as operações necessárias para fazê-lo (Gil, 2008, p. 49).

Reafirmamos que o método representa mais do que um esquema de receitas, de aplicações quase mecânicas que, na visão clássica, tenta excluir todo sujeito de seu exercício – ao contrário – para o pensamento complexo, a teoria é a base para o método ser elaborado a partir da estratégia, da iniciativa e da criatividade do pesquisador. Trata-se, então, de um processo de geratividade e de recorrência entre teoria e método, sendo essa atividade pensante e consciente, em que ambos são componentes indispensáveis para o Pensamento Complexo (MORIN, 2003).

Considerando as características que diferenciam os métodos quantitativos dos qualitativos,¹⁰ entendemos que o segundo é o caminho que dá conta de produzir as informações e os dados necessários para atender ao objetivo geral do estudo proposto.

Não se trata de valorarmos tais métodos, mas sim de identificarmos que a natureza da informação que buscamos é subjetiva, portanto pode ser alcançada a partir dos discursos e da identificação das formas de representação construídas sobre a temática da fronteira e da binacionalidade.

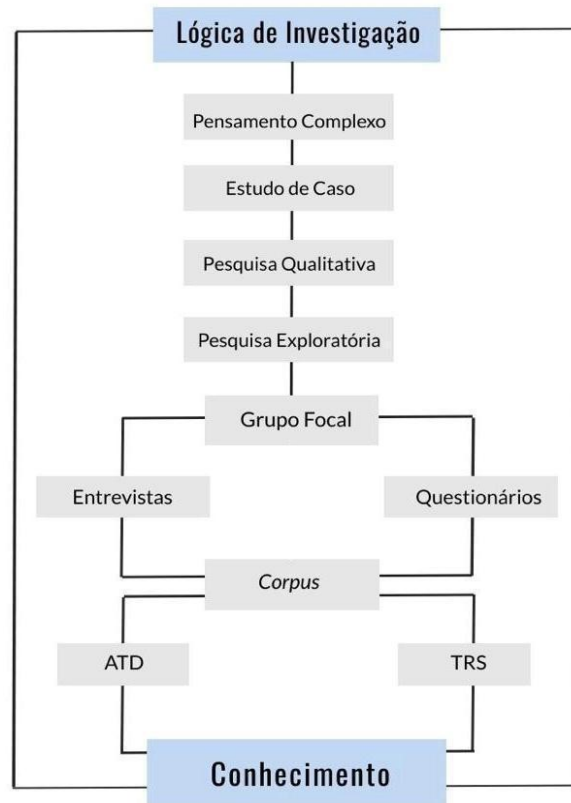
Cabe esclarecer que, no decorrer da pesquisa, foi necessário o uso de métodos quantitativos que permitiram o tratamento sobre dados que se fizeram necessários no transcorrer do estudo. Tal opção foi avaliada ao longo da pesquisa, sempre considerando os riscos de combinação de diferentes metodologias e o compromisso de cumprimento dos requisitos de qualidade de cada uma delas.

Nosso estudo compreende, sequencialmente, as seguintes dimensões metodológicas: i) operamos os saberes, de maneira mais ampla, por meio do Pensamento Complexo, ii) como delineamento primário e focalização do estudo, definimos a modalidade investigativa de estudo de caso, iii) teve-se como premissa uma análise eminentemente qualitativa, iv) a técnica do grupo focal foi aplicada como forma prospectiva e exploratória e, a partir dessa, v) a entrevista semiestruturada e o questionário foram definidos como instrumentos de coleta de dados; por fim, vi) a análise dos dados foi processada por meio da ATD e do *Google Forms* articulados sob o olhar da TRS.

Na figura a seguir, está apresentado o desenho metodológico de forma esquematizada.

¹⁰ Para mais detalhes ver Turra Neto, N. **Pesquisa qualitativa em Geografia**. Encontro Nacional de Geógrafos. Belo Horizonte/MG, 2012.

Figura: Desenho metodológico.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Pesquisa exploratória

No planejamento metodológico, identificamos a necessidade de produzir informações preliminares que pudessem contribuir na definição dos autores de fala, assim como na elaboração mais precisa das técnicas e dos instrumentos de produção de dados. Entre os caminhos metodológicos disponíveis, a realização de pesquisa exploratória, com aplicação da técnica do grupo focal, mostrou-se o mais viável e promissor.

Para Gil,

as pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. (GIL, 2008, p. 46).

Conforme Raupp e Beuren (2013), a pesquisa exploratória é desenvolvida no sentido de proporcionar uma visão geral sobre determinado fato, permitindo o aprofundamento dos conceitos preliminares sobre determinada temática e, assim, contribuir para a compreensão de questões inicialmente abordadas. Nesse sentido, os autores destacam como características primordiais da pesquisa exploratória os seguintes aspectos: i) proporciona maiores informações sobre o assunto a ser investigado, ii) facilita a delimitação do tema de pesquisa, iii) orienta na fixação dos objetivos e na formulação de hipóteses e iv) permite perceber novos tipos de enfoque ao assunto.

Uma vez que o estudo contemple, ao menos, uma dessas finalidades, a pesquisa exploratória estará caracterizada. Explorar o assunto, portanto, significa reunir mais conhecimento, buscando perceber dados inéditos ou mesmo redimensionando o conhecimento já produzido. Seu objetivo é dar subsídios para outros tipos de pesquisa – no caso do presente estudo, a elaboração do roteiro de entrevista semiestruturada e do questionário.

Como recorte de análise e de fonte para a produção dos dados, foram eleitos os alunos concluintes das duas primeiras turmas dos cursos integrados, ofertados no *campus* Santana do Livramento. Tais turmas, após quatro anos de vínculo junto à Instituição, estavam concluindo os estudos, portanto constituíam-se em privilegiado referencial para a identificação das representações desses atores sobre o tema desta pesquisa.

INSTRUMENTOS E TÉCNICAS

Uma vez que o objeto de estudo da TRS são as representações que circundam o conhecimento elaborado e difundido entre os sujeitos sociais, a diversidade de desdobramentos teóricos, assim como as peculiaridades do caso estudado, criam condições para o uso de vários instrumentos e abordagens metodológicos, assim como, até mesmo, oportunizam a criação de instrumentos que possibilitem ao pesquisador reconhecer tais fenômenos por meio de grande variedade de métodos (BERTONI; GALINKIN, 2017). Nas palavras desses autores,

Outros instrumentos de coleta e de análise de dados têm sido utilizados por diversos pesquisadores. As várias **técnicas de entrevistas** – não estruturadas, semiestruturadas e estruturadas, assim como os **grupos focais**, têm se mostrado instrumentos úteis e adequados para a investigação das representações sociais em diferentes contextos. As **entrevistas** e os **grupos focais** permitem que os participantes se expressem e verbalizem seus pensamentos e sentimentos sobre os temas propostos. As diferentes formas de análise dos resultados obtidos com essas técnicas permitem aos pesquisadores apreender formas de pensamentos, explicações e justificativas de comportamentos, as fontes das representações, e saber se está ocorrendo mudanças nas representações em função do contato com outros grupos e com a divulgação de novos conhecimentos (BERTONI; GALINKIN, 2017, p.119 – grifos nossos).

Nesses termos, atentos ao compromisso de rigor e de validade, assim como no sentido de promover uma verdadeira cartografia do caminho percorrido, a seguir está apresentado o relato detalhado da aplicação da técnica de grupo focal como pesquisa exploratória, buscando retratar o processo de definição dessa técnica, descrevendo planejamento, realização, procedimento de análise e conclusões provisórias.

A partir daí, apresentamos os critérios que conduziram à definição dos dois instrumentos para a obtenção dos demais dados – i. entrevistas junto aos gestores e ii. questionários junto aos alunos –, discorrendo em mesma profundidade sobre o planejamento e a execução, assim como sobre o método de análise articulado em cada um deles.

Grupo focal

A partir da problemática apresentada, cujo foco é a produção de dados e de informações preliminares junto aos estudantes dos cursos binacionais, a opção pela realização da técnica do grupo focal mostrou-se a mais adequada e capaz de atender à demanda de produção primária de dados por meio da pesquisa exploratória de campo.

Desde a década de 1980, o prestígio e a utilização do grupo focal têm crescido e assumido posição de destaque no âmbito das pesquisas sociais que trabalham com demandas dos cidadãos. Embora sua impulsão esteja associada ao uso em pesquisas de mercado e, inicialmente, às pesquisas sociais de viés político, os resultados têm sido tão positivos, que impulsionaram sua aplicação em diversas situações (CRUZ NETO et al., 2002).

Segundo o Cruz Neto et al., o grupo focal é

(...) uma técnica de Pesquisa na qual o Pesquisador reúne, num mesmo local e durante um certo período, uma determinada quantidade de pessoas que fazem parte do público-alvo de suas investigações, tendo como objetivo coletar, a partir do diálogo e do debate entre eles, informações acerca de um tema específico (CRUZ NETO et al., 2002, p.5).

Reis e Bellini (2011) corroboram nesse sentido ao justificar que a técnica do grupo focal é um dos instrumentos mais usados e desenvolvidos na investigação das representações sociais. Os autores destacam, entre as qualidades da técnica, sua vocação para fins exploratórios.

O ponto-chave dos grupos focais é o uso explícito da interação entre as pessoas para produzir dados e *insights* que seriam difíceis de conseguir fora desta situação. Isso constitui uma vantagem da pesquisa com os grupos focais, ou seja, a oportunidade que estes oferecem para a troca de ideias de determinado tema, em um período limitado de tempo. O emprego dessa técnica tem como objetivo focalizar melhor o objeto de uma pesquisa; obter dados sobre atitudes, crenças e valores de um grupo ou de uma comunidade. Além disso, auxilia o pesquisador a apreender o vocabulário ou o universo nocional dos sujeitos para poder desenvolver os estudos posteriores (REIS; BELLINI, 2011, p.154).

Acreditamos que, por trabalhar com a reflexão a partir da fala dos participantes e por meio do diálogo e do debate entre eles, a técnica permite que sejam apresentados, simultaneamente, conceitos, impressões e percepções sobre o tema investigado, revelando, assim, as representações elaboradas pelos seus participantes.

Primeiramente, realizamos o planejamento minucioso de todas as etapas a serem executadas: i) o contato prévio com as autoridades e os gestores envolvidos, ii) a escolha das ferramentas para a preparação e a execução da técnica, iii) o planejamento de campo, iv) a escolha e a preparação da equipe de apoio, v) a elaboração minuciosa de um roteiro e, por fim, vi) o contato e a confirmação da presença dos participantes.

A operacionalização do instrumento em análise iniciou-se com a contatação do Chefe de Ensino, Pesquisa e Extensão do *campus* Santana do Livramento (IFSul), quando apresentamos, brevemente, nossas intenções e necessidades. Por conseguinte, frente à necessidade de contarmos os alunos para verificarmos disponibilidade e interesse em

participar da atividade, foi criado um grupo com esses interlocutores, utilizando-se a rede social *Facebook*.¹¹

A partir desse momento, tal rede social passou a ser utilizada para a comunicação e para os acordos entre os integrantes. Questões como horários de cada grupo, seus respectivos membros, confirmação de participação e ajustes quanto ao momento de realização da atividade foram pauta nos tópicos de discussão.

Com base no número de integrantes, conforme disponibilidade apresentada por eles e pela gestão da Escola, assim como pautado nos limites operacionais para a aplicação da técnica,¹² foram propostos três horários de grupos, divididos em dois dias. Do total de 33 alunos que faziam parte das duas turmas pesquisadas, 31 confirmaram presença, sendo que 30 foram os que efetivamente participaram da atividade. Os grupos um e três tiveram onze integrantes cada, e o grupo dois teve oito.

A dinâmica de cada grupo foi planejada da seguinte maneira: i) 30 minutos iniciais para realização do lanche,¹³ confraternização e conversação sobre assuntos variados, ii) 1 hora para a realização da discussão e do debate, iii) 30 minutos para as considerações finais e encerramento.

Conforme Cruz Neto (2002), para que a técnica atinja pleno êxito, faz-se necessário o desempenho de seis funções distribuídas em dois macromomentos: i) mediador, ii) relator, iii) observador e iv) operador, no primeiro momento; v) transcritor e vi) digitador, no segundo.¹⁴ Como nosso objetivo era dar conta do primeiro momento, a função de mediador foi desempenhada pelo pesquisador, e as funções de relator, observador e operador foram desempenhadas por uma cientista colaboradora na pesquisa.

O ponto crucial do planejamento foi a elaboração do roteiro de debate, visto que ele se constitui no parâmetro utilizado pelo mediador para conduzir o grupo focal.¹⁵ Embora saibamos que tal roteiro não se trata de um instrumento monolítico e estático, sua elaboração deve reunir os tópicos discutidos no grupo e articulados em uma sequência que contemple os objetivos da pesquisa na produção de informações elucidativas.

O roteiro foi dividido em cinco momentos, contemplando três eixos de informações, além de uma questão introdutória e uma de finalização – ambas com o intuito de oportunizar a abordagem de tópicos que os interlocutores achassem relevantes e que ainda não tivessem sido contemplados. Para cada eixo, foram elaboradas duas perguntas principais e mais algumas auxiliares. As principais serviram para direcionar o rumo do debate, as auxiliares foram pensadas para, caso o grupo tivesse dificuldade em interagir, servir de estímulo mais específico para cada eixo.

No roteiro de debate, também foram apontados conceitos principais e secundários a serem identificados em cada eixo, permitindo ao mediador a visualização ágil e rápida dos pontos a serem enfatizados ao longo da atividade.

¹¹ Para maiores detalhes sobre a conversação mediada por computador e o uso das redes sociais na *internet* ver: RECUERO, Raquel. Diga-me com quem falas e dir-te-ei quem és: a conversação mediada pelo computador e as redes sociais na internet. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, n. 38, p. 118-128, 2009.

¹² Ver KIND, Luciana. Notas para o trabalho com a técnica de grupos focais/*Notes for the work with focus group technique*. **Psicologia em revista**, v. 10, n. 15, p. 124-138, 2008.

¹³ Segundo Cruz Neto, oferecer um lanche pode contribuir para o clima de confiança e confraternização (Cruz Neto et al., 2002, p.15).

¹⁴ Para maior detalhamento sobre o papel exercido por cada uma dessas funções, ver Cruz Neto et al., 2002, p. 7.

¹⁵ Ver COLOGNESE, S. A.; MELO, J. L. B. A técnica de entrevista na pesquisa social. **Cadernos de Sociologia**, Porto Alegre, v. 9, p. 148, 1999.

A sala disponibilizada pela Escola foi organizada observando a distribuição circular dos assentos, a luminosidade e a climatização, o ajuste dos gravadores, o posicionamento discreto da colaboradora e a montagem da mesa de lanches.¹⁶

De maneira geral, os grupos, inicialmente, mostraram-se tímidos e, nesse aspecto, o lanche desempenhou um papel essencial para deixar os integrantes mais à vontade e proporcionar um momento informal de diálogo entre pesquisador, colaboradora e alunos.

O momento do diálogo e do debate foi precedido de breve explicação quanto aos objetivos da pesquisa e de sensibilização quanto à importância deles como interlocutores.

Ao realizar a pergunta inicial, espontaneamente os alunos começaram a falar e, em poucos minutos, o debate estava estabelecido entre eles. Segundo Kind (2008), o mediador tem a função de manter o grupo em interação usando sua habilidade para que o debate flua espontaneamente e em consonância com os objetivos da pesquisa – foi o que aconteceu. Os três grupos, espontaneamente, contemplaram todos os pontos do roteiro. A atuação de mediação resumiu-se em chamar para o debate um ou outro participante mais tímido, retomar algumas falas para provocar os demais a posicionarem-se a respeito e indagar pontualmente sobre algum item não esclarecido.

A colaboradora, atuando como observadora, reparou na rede de interações entre os participantes durante a execução da técnica. Produziu 23 páginas manuscritas com observações sobre comportamento, postura, expressões e ênfase dada nas falas. Tal material foi extremamente relevante na etapa de sistematização e na análise dos dados.

É relevante destacarmos a dificuldade em lidar com gravações que envolvam diversos participantes. Diferentemente da realização de uma entrevista, em que é possível ter apenas um entrevistado e, dessa forma, identificar de maneira mais ágil as falas, no caso da técnica em grupo, a identificação pessoal das falas torna-se, muitas vezes, quase impossível de ser realizada, uma vez que a dinâmica natural do debate pode gerar momentos de diálogos sobrepostos.

Frente ao objetivo exploratório da técnica, optamos por selecionar as falas que contemplaram explicitamente os objetivos centrais da pesquisa e, também, aquelas que, de alguma forma, deram indícios de resposta às perguntas que foram elencadas previamente no roteiro de debate.

Ao todo, foram registradas quase 4 horas de gravação. Os trechos selecionados resultaram em, aproximadamente, 22 páginas de transcrição. Em seguida, tais trechos foram agrupados de acordo com a estrutura elaborada no roteiro de debate, com o objetivo de orientar a interpretação das informações e de contribuir para a compreensão dos conceitos-chave.

A construção do caminho metodológico em uma pesquisa, muitas vezes, é marcada por incertezas, angústias e conflitos – no nosso caso, não foi diferente. A iminência do término do ano letivo e a formatura dos alunos impuseram curto espaço de tempo para definição, planejamento e execução da metodologia e da técnica escolhidas.

O total envolvimento dos interlocutores com a atividade, a consonância entre os pontos levantados espontaneamente por eles e o roteiro prévio de debate – tanto quanto a riqueza dos depoimentos – reforçaram a convicção quanto ao caminho definido e demonstraram a efetividade da técnica. Assim, essa etapa foi concluída em consonância com os objetivos

¹⁶ É relevante reconhecermos e registrarmos que amplamente acolhidos pelos gestores, assim como toda a equipe pedagógica da escola.

traçados, contribuindo fortemente na delimitação do tema e do objeto de pesquisa, assim como no aperfeiçoamento dos objetivos e das hipóteses previamente definidos.

A partir dos dados e das informações produzidos, realizamos análise textual qualitativa, que resultou na definição dos diretores e dos alunos concluintes dos cursos binacionais como autores de fala. É importante justificarmos que a definição dos diretores das escolas foi alicerçada no reconhecimento de que, por estarem à frente da operacionalização prática da construção da política binacional de educação, possuem alto grau de conhecimento e de percepção sobre a criação, o desenvolvimento, os avanços e as dificuldades enfrentados. Assim, para obtenção dos dados junto aos três diretores, optamos pela realização de entrevistas semiestruturadas.

Nossa pretensão nas entrevistas foi produzir dados por meio da comunicação com os diretores das instituições parceiras, atores que estão no topo da linha de comando de cada *campus*, portanto à frente tanto das situações cotidianas como, em grande parte, das institucionais de longo prazo.

Quanto à definição dos alunos concluintes, avaliamos que sua percepção é essencial para a compreensão das interrogantes propostas, uma vez que eram formandos de seus respectivos cursos e por vivenciarem seus estudos sob a proposta da binacionalidade. Além da vivência da condição fronteiriça, tais alunos ficaram imersos no cotidiano materializado pela política educacional binacional entre os dois países.

A realização do grupo focal evidenciou a extrema dificuldade em lidar com a transcrição de falas em grupo, principalmente aquelas em um idioma diferente ao do pesquisador; assim, a alternativa vislumbrada para a produção de dados junto aos alunos foi a elaboração de um questionário construído a partir das representações reconhecidas na pesquisa exploratória.

Nossa escolha ampara-se na experiência compartilhada por Albuquerque (2014). Para o autor:

Os caminhos metodológicos da observação empírica das fronteiras nacionais são inúmeros, alguns já trabalhados com mais detalhes por investigadores das ciências sociais vizinhas. Outros precisam ser mais bem construídos pela própria sociologia, utilizando e aprimorando para esse objeto específico as várias abordagens metodológicas de cunho qualitativo e quantitativo da tradição sociológica e as técnicas de pesquisa dos questionários, entrevistas, *surveys*, observação de campo etc (ALBUQUERQUE, 2014, p.69).

E, ainda, naquela trazida por Kummer e Colognese (2014), ao tratarem da especificidade de pesquisa inerente aos ambientes fronteiriços:

[...] opções metodológicas heterogêneas para a aproximação dos objetos empíricos de pesquisa se justificam pela necessidade de manipulação de um conjunto complexo de variáveis implicadas nestas tramas sociais. A amplitude e a complexidade dessas variáveis sugerem a dificuldade prática de padronização dos procedimentos de pesquisa (KUMMER; COLOGNESE, 2014, p. 82).

Nossa intenção, ao buscar alcançar múltiplas vozes, foi articular um diálogo entre os atores que participam do mesmo processo, mas sob perspectivas diferentes, portanto são capazes de expressar pontos de vista distintos, permitindo ao pesquisador o intercâmbio de sentidos. Nesse processo, fica presente nossa autoria e, ao mesmo tempo, nosso limite, uma

vez que a leitura cuidadosa de vozes de outros sujeitos constitui processo no qual o pesquisador não pode deixar de assumir suas interpretações.

Entendemos que a representação expressa pelo grupo conduz para uma convergência de objetivos e para a criação de uma rede de ações específicas elaboradas pela coletividade dos atores fronteiriços, baseada numa concepção de funcionamento da realidade comum e cotidiana, assumindo, assim, forma de posicionar-se frente a situações, eventos e comunicação que lhe concernem – pelo contexto concreto de compartilhamento e de comunicação entre eles.

Entrevistas semiestruturadas

Para obtenção de dados junto aos gestores, optamos pela realização de entrevistas semiestruturadas.¹⁷ Segundo Boni e Quaresma,

As **entrevistas semiestruturadas** combinam perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal. (BONI; QUARESMA, 2005, p. 75 – grifos do original).

Ao destacar as vantagens do uso da entrevista como técnica de pesquisa, Lima apresenta o seguinte argumento:

A sua principal vantagem está na riqueza das informações que podem ser coletadas, pelas palavras e interpretações dos entrevistados aos estímulos que lhes foram dados, assim como a possibilidade de registrar a sua reação não verbal. Além disso, a entrevista proporciona ao investigador a oportunidade de explorar ao máximo as suas questões e dirimir dúvidas, devido ao fato de se tratar de uma interação flexível e personalizada. Muitas vezes permite esclarecer situações ou acessar informações que não seriam perceptíveis apenas pela observação (LIMA, 2016, p. 39).

Para Lima (2016), as entrevistas devem apresentar como características: i) estruturação mínima, ii) uso de roteiro, iii) perguntas abertas e adaptáveis, iv) espontaneidade da fala do respondente e v) prevalência de realização de forma presencial, de modo a manter a máxima interação entre o entrevistador e o entrevistado. Segundo a autora, a entrevista “é uma conversa que pode ser mais ou menos sistemática, cujo objetivo é obter, recuperar e registrar as experiências de vida guardadas na memória das pessoas [...]” (LIMA, 2016, p. 26).

Para Duarte (2004), a realização de uma boa entrevista exige os seguintes pressupostos: i) o pesquisador deve ter muito bem definidos os objetivos de sua pesquisa, ii) o pesquisador deve conhecer, com alguma profundidade, o contexto em que pretende realizar sua investigação, iii) a introdução, pelo entrevistador, do roteiro da entrevista, iv) segurança e autoconfiança, v) algum nível de informalidade, sem jamais perder de vista os objetivos que levaram a buscar aquele sujeito específico como fonte de material empírico para sua investigação.

Nesse sentido, estabelecemos um momento de diálogo com os gestores, com a finalidade

¹⁷ Conforme Lima (2016, p. 27), “na [entrevista] semiestruturada, o entrevistador segue um determinado número de questões principais e específicas, em uma ordem prevista, mas é livre para incluir outras questões”.

de compreender suas percepções sobre os pontos definidos previamente no roteiro de entrevista, o qual foi dividido em quatro eixos temáticos. Os encontros foram realizados no gabinete de cada diretor, em suas respectivas instituições (na UTU e no Polo Educativo, ambas em Rivera e no IFSul, em Santana do Livramento), transcorreram com fluidez e foram gravadas para posterior transcrição e análise.

Os dados produzidos nas entrevistas resultaram em, aproximadamente, três horas de gravação e 31 páginas de transcrição, que se constituíram no *corpus*¹⁸ para análise textual.

Como ferramenta analítica, utilizamos a técnica da ATD, que, conforme descrevem Moraes e Galiazzi (2006, p.118), “é uma abordagem de análise de dados que transita entre duas formas consagradas de análise na pesquisa qualitativa, que são a análise de conteúdo e a análise de discurso”.¹⁹

Segundo os autores,

A análise textual discursiva é descrita como um processo que se inicia com uma unitarização em que os textos são separados em unidades de significado. Estas unidades por si mesmas podem gerar outros conjuntos de unidades oriundas da interlocução empírica, da interlocução teórica e das interpretações feitas pelo pesquisador. Neste movimento de interpretação do significado atribuído pelo autor exercita-se a apropriação das palavras de outras vozes para compreender melhor o texto. Depois da realização desta unitarização, que precisa ser feita com intensidade e profundidade, passa-se a fazer a articulação de significados semelhantes em um processo denominado de categorização. Neste processo reúnem-se as unidades de significado semelhantes, podendo gerar vários níveis de categorias de análise. A análise textual discursiva tem no exercício da escrita seu fundamento enquanto ferramenta mediadora na produção de significados e por isso, em processos recursivos, a análise se desloca do empírico para a abstração teórica, que só pode ser alcançada se o pesquisador fizer um movimento intenso de interpretação e produção de argumentos. Este processo todo gera meta-textos analíticos que irão compor os textos interpretativos (MORAES; GALIAZZI, 2006, p.118).

A escolha pela técnica da ATD como ferramenta expressa o nosso entendimento quanto ao modo de produção científico, assim como a nossa compreensão quanto à natureza dos fenômenos estudados, uma vez que a ATD percebe a realidade como sistema complexo.

A efetividade da ATD percorre caminhos próprios e trilhados sob constante exercício adaptativo, exige intensa impregnação do pesquisador com os fenômenos estudados e constitui-se em uma metodologia aberta para o pensamento investigativo, sendo instrumento capaz de potencializar a emergência da criatividade, trazendo liberdade à movimentação do pesquisador.

Partimos da abordagem apresentada por Moraes (2003), adequando os principais elementos propostos pelo autor à realidade pesquisada. Assim, a análise seguiu as seguintes etapas:

1) Unitarização: por meio do exame detalhado das informações, realizamos a

¹⁸ Conforme Moraes (2003), o *corpus* corresponde ao conjunto de documentos que representam as informações da pesquisa.

¹⁹ Segundo Carenato e Mutti (2006, p. 684): “Enquanto a AD [análise de discurso] busca os efeitos de sentido relacionados ao discurso, a AC [análise de conteúdo] fixa-se apenas no conteúdo do texto, sem fazer relações além deste. A AD preocupa-se em compreender os sentidos que o sujeito manifesta através do seu discurso”. Para os autores, não existe apenas uma linha de AD, mas sim muitos estilos que, em comum, compartilham a rejeição da noção que a linguagem é simplesmente um meio neutro de refletir, ou descrever o mundo, e uma convicção da relevância do discurso na construção da vida social.

desmontagem dos textos, identificando, fragmentando e selecionando as unidades de fala que enunciaram significados ao fenômeno estudado e se mostraram pertinentes aos objetivos de pesquisa. Como resultado, obtiveram-se as unidades de análise.

2) Categorização: nesta etapa, identificamos e construímos as relações entre as unidades selecionadas anteriormente, que foram agrupadas, reordenadas e classificadas de modo que formassem conjuntos mais complexos – as categorias –, focalizando o todo por meio das partes.

3) Comunicação emergente: por fim, a análise conjunta e articulada das unidades, reorganizadas em categorias, possibilitou a emergência de compreensão renovada do todo. O texto resultante, ancorado no referencial teórico, explicitou como produto o sentido e a compreensão construídos a partir dos passos anteriores.

Para efetivarmos o procedimento de recorte, classificação, reagrupamento e interpretação dos dados da análise, construímos quadros analíticos, organizados da seguinte forma: no título, consta a indicação da Categoria, ou seja, o nome atribuído ao conjunto de unidades de significados, as quais apresentam entrelaçamento e, por vezes, superposição, evidenciando, assim, limites imprecisos entre si; na coluna Unidades de Fala, encontram-se os fragmentos de texto que, tomados como indicativos, registram, sintetizam e expressam determinada característica e informação; por fim, na coluna Comunicação, apresentamos nossa compreensão a partir da interpretação conjunta das unidades de análise reordenadas e articuladas dentro de cada categoria.

A primeira dificuldade apresentou-se na definição das categorias e das subcategorias. Inicialmente partiu-se da divisão elaborada *a priori* e aplicada no roteiro de entrevista, todavia o conteúdo das unidades conduziu para a identificação de novas categorias e, principalmente, subcategorias.

No total, foram identificadas nove categorias, das quais, posteriormente em sua organização textual, algumas acabaram assumindo a condição de subsidiar outras, levando-nos a referir aquelas como subcategorias. Contudo, não se trata de minorá-las, mas, ao contrário, de posicioná-las com relevante destaque para a elucidação das categorias entendidas como principais.

Buscamos identificar e atribuir sentido ao texto – não se tratando de tradução, mas sim de produção – portanto, entendemos que a linguagem vai além do texto, pois apresenta um elemento simbólico e expressa uma memória coletiva construída socialmente. Nesses termos, cabe ao pesquisador buscar compreender os efeitos dos sentidos por meio da interpretação (CAREGNATO; MUTTI, 2006).

Temos clareza de que o pesquisador é parte integrante dos sentidos produzidos, uma vez que não cremos na existência de um acesso privilegiado e neutro a uma realidade completamente independente do nosso modo de aproximação a ela.

Nesse sentido, Moraes e La Torre justificam que

Todo conhecimento gerado na pesquisa depende sempre da relação sujeito-objeto, condição inaceitável para o paradigma tradicional, que concebia o sujeito separado do objeto do conhecimento. Assim, todo pesquisador está implicado no seu projeto de pesquisa. Consciente ou não, ele está estruturalmente acoplado em termos de energia, matéria e informação (MORAES; LA TORRE, 2006, p. 147).

Atentos ao compromisso com o rigor científico, esclarecemos que ele não está na cópia fiel dos sentidos dados pelos atores entrevistados, mas sim no envolvimento construtivo que apresentamos como pesquisadores. Assim, a fim de mantermos o caminho aberto a críticas, contribuições e novas análises, incluímos nos apêndices da pesquisa a transcrição integral das entrevistas e os quadros analíticos. Entendemos que a validade não está na cópia, mas na capacidade de leitura, compreensão, sistematização e articulação dessas unidades.

Nesse processo, a unitarização representou a desconstrução das verdades estabelecidas, e a categorização, a reconstrução de uma ordem diferente da original – cada categoria representou os nós de uma rede, na medida em que o saber do pesquisador foi incorporado ao do autor da fala.

Conforme Moraes e Galliazi, “a emergência de novas formas de organização só pode se realizar a partir da destruição de ordens existente [...]” (MORAES; GALIAZZI, 2006, p. 125). A ATD é, portanto, um movimento entre espaços de ordem, caos e reordenamento; nesse sentido, entendemos que o caminho definido buscou a superação da limitação de refletirmos apenas sobre o instante como fragmentos da realidade de determinados momentos vividos pelos atores sociais.

Questionários

Primeiramente, é relevante retomarmos que a escolha pela aplicação de questionários como técnica de obtenção de dados juntos aos alunos resultou de uma percepção alcançada a partir da aplicação do grupo focal como pesquisa exploratória.

Pela peculiaridade de nossa pesquisa, lidamos com um grande número de interlocutores de duas nacionalidades (brasileira e uruguaia), assim como com duas línguas pátrias (português e espanhol). Vimos na aplicação do questionário um caminho para viabilizar o acesso às representações atribuídas às interrogantes, principalmente pela necessidade de contemplarmos os alunos uruguaios, cuja língua é diferente da nossa, portanto impõe restrições e empecilhos quanto à aplicação de instrumentos e de técnicas puramente qualitativas de análise textual.

Assim, em consonância com a lógica de investigação definida – a do Pensamento Complexo –, a estratégia e o instrumento foram adequados, viabilizando o acesso a esse imprescindível grupo de atores e à necessidade de superarmos a dicotomia quantitativo/qualitativo para, dessa maneira, realizarmos análise relacional e dialógica²⁰.

Entendemos que nossa contribuição deva ir além de ratificar os dados coletados, sem qualquer reflexão teórica. Nesse sentido, reafirmamos como essencial o relato minucioso da trajetória de investigação, das escolhas realizadas e dos procedimentos metodológicos (teóricos e práticos) que sustentam esta pesquisa e a análise que efetivamos.

Tal escolha é amparada por entendermos que as implicações do pesquisador no desenvolvimento de suas atividades não se revestem na descoberta de uma dimensão oculta do real, mas sim na participação de uma intervenção sobre o social (ROCHA; DEUSDARÁ, 2005).

O planejamento, a organização e a execução dessa etapa foram os mais difíceis entre as técnicas empreendidas. Além de demandar a elaboração de um instrumento que refletisse e sintetizasse as representações reconhecidas a partir da pesquisa exploratória, houve a

²⁰ Aqui nos referimos à articulação de duas lógicas distintas de tratamento de dados.

necessidade de organizar a visita a três escolas, de modo a atingir as nove turmas selecionadas, cujos alunos totalizavam 163 formandos dos cursos binacionais, sendo 86 brasileiros e 77 uruguaiois.

As informações acadêmicas, administrativas e os quantitativos apresentados foram obtidos junto à Coordenadoria de Registros Acadêmicos do IFSul, *campus* Santana do Livramento. A equipe pedagógica também auxiliou na obtenção da autorização (junto aos gestores) e no agendamento de um cronograma (junto aos professores), que permitiu a entrada em aula para apresentação da pesquisa e do instrumento para os alunos.

Nosso movimento deu-se no sentido de elaborar e de aplicar um instrumento que difere e se afasta de mera sondagem de opinião, que posiciona o pesquisador fora dos resultados. Entendemos que apenas a apresentação escrita das interrogantes poderia ser insuficiente, então realizamos a leitura orientada de cada uma das questões presentes no instrumento, colocando-nos à disposição para esclarecer eventuais dúvidas no seu preenchimento.

Julgamos essencial criar a oportunidade de apresentar nossa trajetória e os objetivos de pesquisa para os atores, cujos saberes e representações estávamos buscando, pois entendemos que o simples passar de perguntas poderia ser insuficiente ao suscitar eventual dúvida sem darmos a possibilidade de esclarecimento.

Nesse sentido, durante a aplicação dos questionários, estivemos sempre presentes e disponíveis para responder a quaisquer dúvidas sobre as interrogantes, buscando ancorá-las teoricamente e, por vezes, problematizando a pergunta proposta de modo a propiciar o descolamento e a superação de uma rasa leitura das situações anunciadas. Esclarecemos que tal encaminhamento decorreu de não estarmos em uma cruzada em busca de resultados, mas sim na construção de uma análise na qual reconhecemos claramente nossa participação e interferência, enquanto pesquisadores, na realidade pesquisada.

No intuito de facilitar a leitura e a compreensão das interrogantes por parte dos alunos, o questionário foi apresentado nas duas línguas – português e espanhol. Dessa forma, cada aluno teve acesso ao instrumento na sua língua pátria.

Os questionários foram respondidos por 91 estudantes, sendo 52 brasileiros e 39 uruguaiois. Esse número corresponde a 55,8% dos alunos matriculados e contemplou aqueles que frequentavam as aulas com regularidade e estavam presentes na data de aplicação do instrumento.

Uma vez que os dados foram produzidos por meio da aplicação de um questionário impresso e respondido presencialmente pelos alunos, optamos por reproduzi-los digitalmente com o uso do recurso *Google Forms* e inserir as respostas obtidas, uma a uma. Tal caminho foi trilhado a partir das condições técnicas disponíveis e do conhecimento que se pretendia construir.

Esse instrumento, por lidar com uma realidade complexa (três escolas, nove cursos, duas nacionalidades), suscitou diversidade de variáveis a serem consideradas: comparativo das respostas por escola, por nacionalidade, por nacionalidade em cada escola, por nacionalidade em cada país, etc.

Para não cairmos em um prolixo e redundante estudo, foi necessário definirmos critérios na escolha das variáveis contempladas para comparativo. Nesse sentido, pautados nos objetivos da pesquisa, assim como nos recursos disponibilizados pelo programa utilizado para processamento dos dados, nossa análise deu-se a partir do universo total de respostas obtidas, independentemente da escola do autor de cada questionário.

Embora se saiba das limitações impostas pelo questionário como forma produção de dados quanto às representações sociais dos atores em questão, também reconhecemos que esse instrumento de pesquisa pode ser enriquecido pela inclusão de entrevistas em profundidade com atores representativos de posições consideradas relevantes para a formação ou transformação dessas representações (REIS; BELLINI, 2011), assim como por sua construção pautada no sentido apreendido no discurso e nas representações identificadas previamente – foi o que ocorreu nessa parte do estudo.

Não se trata de uma opção pautada na hierarquia de critérios, tampouco defendemos que seja a mais adequada para todas as dúvidas que esse estudo possa suscitar. O caminho que definimos é próprio da nossa construção, da autoria e das interrogantes específicas que levantamos.

CONCLUSÃO

A promoção de uma pesquisa abarca escolhas pautadas na vida e na história do pesquisador que a efetiva, daqueles que participam como interlocutores e de todos os que acompanham em proximidade sua construção. Essa afirmação está alinhada com a premissa de que a ciência não é neutra, e que o pesquisador, tampouco, deve mirar, como princípio investigativo, posicionar-se assim ao objeto ou ao fenômeno estudado – visto que seria uma tentativa falida já em sua essência.

O caminho que trilhamos não foi percorrido sozinho. Por isso, houve a escolha de iniciar este artigo (e agora retomar, mesmo que brevemente, ao seu término), firmando a posição enquanto pesquisador e docente vinculado ao quadro funcional de uma das instituições estudadas. Ao fazê-lo, buscamos contextualizar as escolhas que realizamos, reconhecer o caráter pessoal (mas também coletivo) de nossa pesquisa e valorizar aqueles que participaram da sua efetivação.

Sob a luz da Complexidade, buscamos compreender os significados multifacetados e a pluralidade de esferas que compõem o estudo sobre fronteiras. Definimos o Pensamento Complexo como princípio epistemológico condutor da investigação por entendermos que ele é capaz de contextualizar e de globalizar o estudo que efetivamos a partir de um caso singular e concreto.

O conhecimento que construímos pautou-se na comunicação expressa, nas relações cotidianas, nos conflitos, nas necessidades e nos desejos que aproximam e afastam os atores envolvidos nas circunstâncias específicas deste estudo. Nesses termos, a TRS apresentou-se de forma dinâmica e explicativa da realidade social estudada ao agregar aspectos culturais, cognitivos e valorativos, oportunizando a construção de um saber relacional e qualitativo.

Conforme Duarte (2004), é imprescindível apresentarmos um relato minucioso dos procedimentos que foram adotados, tanto no uso quanto na análise do material recolhido, a fim de conferir mais rigor e confiabilidade à análise e à interpretação dos dados. Nas palavras da autora, “relatar procedimentos de pesquisa, mais do que cumprir uma formalidade, oferece a outros a possibilidade de refazer o caminho e, desse modo, avaliar com mais segurança as afirmações que fazemos” (DUARTE, 2002, p. 140).

A efetividade do método de pesquisa perpassa por adaptar estratégias de ação e de procedimentos de acordo com a realidade imposta, conduzindo-nos, assim, à concretização da intencionalidade. É assim que percebemos o método como um caminho.

Destarte, o conjunto de procedimentos que operamos permitiu-nos confrontar os referenciais firmados no marco teórico com os dados empíricos que produzimos por meio das diferentes técnicas aplicadas. A mobilização de diversos instrumentos e abordagens metodológicos possibilitou elucidar fenômenos a que, por meio de método único, dificilmente teríamos acesso, dada a complexidade peculiar da trama social que focalizamos.

Tratamos, de maneira geral, da integração regional em fronteiras que, por si só, são espaços construídos por processos históricos, dinâmicos, conflitivos e de formatações conjunturais. Nossa ação investigativa versou sobre um conjunto de dimensões que, para serem compreendidas, exigem visão profunda e interligada sobre as experiências particulares do local onde estão inseridas. Assim direcionamos nosso olhar a uma fronteira e a um processo integrativo em específico.

Processos dinâmicos e multidimensionais estão sujeitos ao imprevisível, ao acaso, portanto ao criativo (MORAES; LA TORRE, 2006). Ao compartilharmos nossas estratégias, firmamos que a pluralidade metodológica não é uma transgressão ao rigor que todo método científico requer, mas sim um caminho possível e eficiente.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, José Lindomar Coelho. Fronteiras múltiplas e paradoxais. **Textos e Debates**, v. 2, n. 22, 2012.

_____, José Lindomar Coelho. Fronteiras: entre os caminhos da observação e os labirintos da interpretação. In: CARDIN, Eric Gustavo; COLOGNESE, Silvio Antônio. (Org.). **As ciências sociais nas fronteiras: teorias e metodologias de pesquisa**. Cascavel, PR: JB, p. 61-80, 2014.

AMARAL, Joana de Barros. Apontamentos sobre políticas educacionais e as fronteiras brasileiras. **Revista Geopantanal**, v. 11, n. 21, p. 23-38, 2016.

AMORIM, Márcio Estrela de. Tese (Doutorado). Cooperação na fronteira entre Brasil e Uruguai: o caso dos cursos técnicos binacionais. Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós Graduação em Geografia, RS, 2021.

BERTONI, Luci Mara.; GALINKIN, Ana Lúcia. Teoria e métodos em representações sociais. In: MORORÓ, Leila Pio; COUTO, Maria Elizabete Souza; ASSIS, Raimunda Alves Moreira de. (Org.) **Notas teórico-metodológicas de pesquisas em educação: concepções e trajetórias**. Ilhéus, BA: EDITUS, 2017, pp. 101-122.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em Tese**, v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005.

BRASIL. Ministério da Integração Nacional. Secretaria de Programas Regionais. Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira. **Proposta de Reestruturação do Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira: Bases de uma Política Integrada de Desenvolvimento Regional para a Faixa de Fronteira**. Brasília: Ministério da Integração Nacional, 2005. 416 p.

CAMPOS, Heleniza Ávila; *et al.* Marcos Regulatórios Sobre Integração De Regiões Transfronteiriças: A Experiência do Brasil no Arco Sul do Mercosul. In: SILVEIRA, R. L. L.; SOUZA, M. B. (ORG). **Norma e Território: Contribuições Multidisciplinares**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2017. p. 97.

- CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 15, n. 4, p. 679-684, 2006.
- CARNEIRO, Camilo; RÜCKERT, Aldomar Arnaldo. ST 2 A Gestão Contemporânea das Fronteiras do Brasil: Defesa e Separação X Cooperação e Integração. **Anais ENANPUR**: Belo Horizonte, v. 16, n. 1, 2015.
- COLOGNESE, S. A.; MELO, J. L. B. A técnica de entrevista na pesquisa social. **Cadernos de Sociologia**, Porto Alegre, v. 9, p. 143-159, 1999.
- CRUZ NETO, Otávio; MOREIRA, Marcelo Rasga; SUCENA, Luiz Fernando Mazzei. Grupos focais e pesquisa social qualitativa: o debate orientado como técnica de investigação. **Encontro da associação brasileira de estudos populacionais**, v. 13, 2002.
- DINIS, Miguel Ângelo Pereira; SILVA, Paulo Henrique Asconavieta da. Experiências, Desafios e Estratégias do Campus Santana do Livramento, Instituto Federal Sul-Rio-Grandense, com os Primeiros Cursos Binacionais Entre Brasil E Uruguai. **Revista GeoPantanal**, v. 11, n. 21, p. 127-140, 2016.
- DUBAR, C. **Agente, ator, sujeito, autor: do semelhante ao mesmo**. In: *Desigualdade & Diversidade*, Rio de Janeiro: PUC, n. 3, 2008, p. 56-69.
- DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar em revista**, n. 24, 2004.
- _____. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de pesquisa**, v. 115, n. 1, p. 139-54, 2002.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. - 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.
- GODOY, Arlida Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de empresas**, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995.
- KIND, Luciana. Notas para o trabalho com a técnica de grupos focais/Notes for the work with focus group technique. **Psicologia em revista**, v. 10, n. 15, p. 124-138, 2008.
- KUMMER, Rodrigo; COLOGNESE, Silvio Antônio. A infusão etnográfica em comunidades da fronteira. In: CARDIN, Eric Gustavo; COLOGNESE, Silvio Antônio. **As ciências sociais nas fronteiras: teorias e metodologias de pesquisa**. Cascavel: JB, 2014, p. 81-106.
- LIMA, Márcia. O uso da entrevista na pesquisa empírica. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais: Bloco Qualitativo**. São Paulo: Sesc São Paulo/CEBRAP, p. 24-41, 2016.
- MACHADO, LIA OSÓRIO. Cidades na Fronteira Internacional: conceitos e tipologia. **Anais: II Conferência Internacional de Desenvolvimento Urbano em Cidades de Fronteira**. Instituto de Arquitetos do Brasil. Departamento do Paraná. Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil. p. 58-69. 2006.
- MORAES, Maria Cândida; LA TORRE, Saturnino de. Pesquisando a partir do pensamento complexo-elementos para uma metodologia de desenvolvimento eco-sistêmico. **Educação**, v. 29, n. 1, p. 145-172, 2006.
- MORAES, Roque. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência & Educação (Bauru)**, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003.
- _____; GALIAZZI, Maria do Carmo. Análise textual discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces. **Ciência & Educação (Bauru)**, v. 12, n. 1, p. 117-128, 2006.
- MORIN, Edgar. Da necessidade de um pensamento complexo. **Para navegar no século XXI**, v. 2, p. 19-42, 2003.

- MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 5a ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- RAUPP, Fabiano Maury; BEUREN, Ilse Maria. Metodologia da Pesquisa Aplicável às Ciências Sociais. In: BEUREN, Ilse Maria (Org.) **Como Elaborar Trabalhos Monográficos em Contabilidade: Teoria e Prática**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2013, p. 76-97.
- RECUERO, Raquel. Diga-me com quem falas e dir-te-ei quem és: a conversação mediada pelo computador e as redes sociais na internet. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, n. 38, p. 118-128, 2009.
- REIS, Sebastiana Lindaura de Arruda; BELLINI, Marta. Representações sociais: teoria, procedimentos metodológicos e educação ambiental. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, v. 33, n. 2, p. 149-159, 2011.
- ROCHA, Décio; DEUSDARÁ, Bruno. Análise de Conteúdo e Análise do Discurso: aproximações e afastamentos na (re) construção de uma trajetória. **Alea: estudos neolatinos**, v. 7, n. 2, p. 305-322, 2005.
- TURRA NETO, Nécio. **Pesquisa qualitativa em Geografia**. Encontro Nacional de Geógrafos. Belo Horizonte - MG , 2012.